

COMUNICAÇÕES

O ensino religioso nas fronteiras do diálogo inter-religioso

Wander Moreira da Costa*

RESUMO

Cruzar fronteiras é uma experiência humana ampla e não se trata apenas das fronteiras religiosas. O Ensino Religioso revela uma seiva de alteridade capaz de alimentar todas as dimensões da vida humana na sua verdadeira essência. Nossa contribuição efetiva passa indiscutivelmente pela reelaboração do formulado, abrindo novos horizontes para um acolhimento efetivo do diferente. A convivialidade no cotidiano do espaço escolar é lugar onde se manifesta o gregário, onde se deve contemplar a riqueza multiforme da trindade.

Palavras-chave: Ensino Religioso; Diálogo inter-religioso; Alteridade; Acolhimento; Respeito; Diferença.

VIVEMOS EM um mundo marcado, cada vez mais, pela ausência de fronteiras, no qual as civilizações entrelaçam-se em um multiculturalismo complexo,¹ colocando os diferentes universos religiosos em contato regular, de uma forma até então inédita e, ao que tudo indica, irrevogável. Como afirma Pierre Sanchis: “A Existência do outro, enquanto tal, não constitui somente um problema que desafia. Ela pode doravante afirmar-se como um valor, que exige alteridade” (SANCHIS *apud* FAUSTINO, 2002a, p. 61).

Queremos demonstrar que estamos distantes de uma consciência maior da nossa missão, dentro da conservação da unidade, na construção de um autêntico diálogo pedagógico sem posições privilegiadas. Trata-se, afirma Queiruga (1997), “de uma

¹ O termo “multiculturalismo” é entendido aqui no sentido dado por Karl-Otto APEL (1997): “O que caracteriza uma sociedade multicultural são as divisões lingüísticas, históricas, étnicas, culturais e religiosas existentes em seu seio” (p. 5-28).

* Mestre de Teologia, professor de Cultura Religiosa – PUC Minas.

tensão interna à própria fé, que a interroga em si mesma, desapropriando-a de todo egocentrismo e obrigando a aprofundar sua autocompreensão” (p. 22-23).

Por isso é necessário, nesse novo contexto, repensar as lições da história do Ensino Religioso a partir dessa nova realidade.

NOVO KAIRÓS PARA O ENSINO RELIGIOSO

Nosso objetivo não é relembrar repetitivamente um ER que quis garantir a estrutura da cristandade – desejo herdado do período colonial –, que permaneceu durante anos transmitindo tudo o que é próprio de uma tradição religiosa numa visão proselitista (MOURA, 1988, p. 24-26), e que tampouco afirma a importância da tolerância no âmbito do pluralismo religioso e social, realizado a partir da articulação de diferentes confissões cristãs (JUNQUEIRA, 2000, p. 15).

Nossa postura alimenta o risco de criar um ER que vai além do formulado. O espírito do ER impõe-se, nesse momento, como linguagem alternativa ao interno de nossas escolas e faculdades, sinalizando a incongruência da força bruta na resposta ao mal absoluto: a intolerância, a ruptura dialogal e a afirmação rígida das identidades.

O diálogo inter-religioso ajuda o ER a remover preconceitos e avança para uma compreensão e enriquecimento mútuos, do testemunho comum e do compromisso de promoção e defesa dos valores humanos e espirituais (FAUSTINO 2002b, p. 137-138).

Depois da compreensão do papel e da identidade do ER, é mister ultrapassarmos as fronteiras que nos separam de outras tradições religiosas. Num ambiente cultural onde os cristãos vêm muitas fronteiras sendo reforçadas e outras ruindo, outras, ainda, encontrando-se e fundindo-se, faz-se necessário desenvolver a agilidade espiritual e a sabedoria de lidar com fronteiras e limites (WILFRED, 1999, p. 10-11). O trabalho do ER é lidar constantemente com as diferenças e transpor limites. O ER é presença significativa e invasão. Como invasor, o ER repete a trajetória que se fez sentir em nosso continente: ele veio com as caravelas, em nome de Deus, o Pai. Os colonizadores trouxeram um saber, uma verdade, uma crença: “Ao desembarcar, encontraram a diferença, a qual foi reconhecida como sinônimo de decadência, já a semelhança e o saber, contidos na mesmice, como pos-

sibilidade de salvação à diferença. Optou-se pela mesmice ao invés da diferença” (MONICH, 2001, p. 105).

Com isso, podemos afirmar que Deus age e revela-se também fora do cristianismo. E ele o faz com expressões diferenciadas de sabedoria religiosa, mas visando a algo comum, como a justiça, a paz, o fortalecimento da comunhão entre pessoas e os sinais de nova vida, na promoção do ser humano como ser integral.

Anísia de Paula Figueiredo (1998a) reafirma que a formação integral do ser humano passa pela “busca constante do equilíbrio e da unidade entre as polaridades: matéria e espírito, humano e divino, imanente e transcendente, ‘ser’ – ‘aqui’ – ‘agora’ e ‘vir-a-ser-sempre’” (p. 38).

O fato de vivermos uma situação multirreligiosa não necessita de maiores demonstrações. Temos a experiência dela em toda parte. Urge entrarmos em contato dialogal com as diferentes formas e expressões existentes em nossa sociedade. Como já dissemos, não há como escapar do processo permanente de redefinição da identidade e de reinvenção da tradição.

O novo *kairós*, tempo de decisão consciente do ER, passa peremptoriamente pela realidade pluriétnica, pluricultural e pluri-religiosa do nosso tempo, e requer da nossa parte um “salto de qualidade” proporcional à situação, se desejamos fluir de relações mútuas positivas e abertas, caracterizadas pelo diálogo e pela colaboração entre os povos, para as culturas e religiões do mundo. Nada menos que uma verdadeira conversão das pessoas e grupos religiosos. Essa conversão requer, antes de tudo, uma verdadeira “simpatia”, ou: “empatia, que nos ajudará a compreender os ‘outros’ tal como se compreendem a si mesmos, e não como nós freqüentemente, devido a tenazes preconceitos tradicionais, pensamos saber que eles são” (DUPUIS, cód-art. 127054).

O *kairós* e também a graça e o desafio do ensino religioso, hoje, consistem no acolhimento dos outros, com suas diferenças.

DA EXCLUSÃO AO ACOLHIMENTO

Durante décadas, a contribuição do ER serviu para reafirmar a extrema preocupação com a tradição e o magistério da Igreja Católica, que centralizava os ensinamentos nas escolas. Por isso, o ER não conseguiu impregnar totalmente o indivíduo, por causa da excessiva preocupação apologética e proselitista.

Hoje a preocupação da Igreja, por meio de pronunciamentos, atesta a nossa inquietude para a construção de um novo ER, inclusivo e dialogal:

o diálogo que implica respeito e abertura às opiniões dos outros, pode promover a união e o empenho nesta nobre causa. Além disso, a experiência do diálogo dá um sentimento de solidariedade e coragem para superar as barreiras e as dificuldades na tarefa de edificar a nação... além disso, o diálogo é um meio para procurar de novo a verdade e para a compartilhar com os outros. (L'OSSERVATORE ROMANO, fev. 1966)

O ER, nessa nova perspectiva, necessita oferecer ajuda ao ser humano para o desenvolvimento de uma postura articulada com os valores da moderna sociedade brasileira.

Júlio de Santana (1987), fazendo referência ao macroecumenismo, diz que o ER é desafiado a dar um salto de qualidade, do exclusivismo ao acolhimento fraternal dos outros irmãos:

A vida que cresce nele não é apenas para quem tem fé em Jesus Cristo. Pela graça de Deus é vida para todos, e neste planeta essa experiência de graça compartilhada nos leva a dar a mão e a abrir os nossos braços para acolher fraternalmente a quem não é como nós. (p. 20)

Nessa perspectiva, entendemos que a transcendência do homem está precisamente nessa sua capacidade de se relacionar. É graças ao “outro” que ele há de superar-se, é no confronto com o “diferente” que ele poderá realizar suas mais valiosas qualidades. O valor positivo desse diálogo depende, portanto, da maneira como seus interlocutores aceitam o desafio de conciliar esse engajamento absoluto, implicado em toda experiência religiosa autêntica, com uma atitude de respeito, acolhimento, amizade e abertura às convicções dos outros (FAUSTINO, 1998, p. 73).

Na medida em que o ER vai descobrindo o aspecto multifacetado do mistério, não como desvelamento de algo encoberto, mas, sim, como possibilidade efetiva de convivência com o outro, a passagem do exclusivismo ao acolhimento torna-se convívio, sem medo, sem fuga ao fechamento.

O ER do acolhimento reconhece a diferença como sendo a “revelação – mistério”. Deus é mistério, ainda que seja conhecido. Conhecido, mas jamais capturado. Assim como as crianças, esses seres selvagens que não compreendem nossa língua, Deus se fez criança e elegeu-as como detentoras do reino. O Deus-criança é mistério. É diferente. É acolhimento.

O caminho das religiões no ER caracteriza-se pela proposta de uma educação religiosa nas religiões, reforçando a importância da religiosidade, “onde podemos afirmar que este caminho prioriza a educação da religiosidade para uma resposta de Fé, na perspectiva de uma antropologia aberta ao transcendente” (BARROS, 1993, p. 77-79).

O novo referencial básico para o ER passa pelo caminho da religiosidade, inerente a todo ser humano, constituindo uma dimensão fundamental da educação integral do educando e pelo diálogo aberto e franco com as outras tradições religiosas.

À ALTERIDADE COMO POSSÍVEL MARCO DE TRATAMENTO DO ENSINO RELIGIOSO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso (PCNER), em consonância com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), assinalam que a pluralidade cultural brasileira encontra-se presente também na religiosidade.

Entendemos que a diversidade das tradições religiosas deve ser fonte de riqueza para a formação de pessoa. O ER deve oportunizar o encontro e o diálogo de pessoas iguais em valor e dignidade ante o transcendente, mas com experiências e tradições religiosas distintas (REYES, 2000, p. 81).

O contexto da diversidade das tradições religiosas é um evento relativamente recente na nossa história. “Ao longo dos quatro primeiros séculos, o Brasil se constituiu como uma sociedade uni-religiosa, tendo o catolicismo como religião oficial” (STEIL, 1996, p. 48).

Dentro desse prisma, desde a perspectiva de uma teologia inter-religiosa, trata-se de inserir o ER numa renovada concepção sobre o mistério de Deus cristão em diálogo com as outras grandes tradições religiosas orientais e com todas as outras religiões de origem africana e esotéricas existentes (GEFFRÉ, 2001, p. 83-98).

Incluso o Deus do monoteísmo cristão, estamos em uma situação favorável para uma emulação recíproca entre as três religiões nascidas da raiz de Abraão, na busca constante de um Deus maior.

Descobrimos, então, como relata Marcos Sandrini, que educar as pessoas para que se tornem capazes de dar passos largos

a caminho do diferente não é fácil: “as diferenças foram e são apresentadas numa visão estratificada da sociedade. O diferente não é só diferente e nada mais que isso. A diferença é vista, quer como superioridade, quer como inferioridade. Ser diferente é ser inferior ou ser superior” (SANDRINI, 1993, p. 77-81).

Essa questão do Deus plural, multifacetário, que quis encarnar-se nas várias situações humanas, tem provocado, principalmente no campo católico, um profundo questionamento e interesse pelo “outro”.

Na recente Declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, respira-se um temor generalizado em face do pluralismo de direito, ao risco de termos que reconhecer que o outro, o diferente, possa partilhar um lugar equivalente ao nosso no plano da salvação (FAUSTINO, 2000a, p. 145).

O documento do magistério da Igreja afirma:

não é raro que se proponha evitar na teologia termos como “unicidade”, “universalidade”, “absoluto”, cujo uso daria a impressão de se dar uma ênfase excessiva ao significado e valor do evento salvífico de Jesus Cristo em relação às demais religiões... Neste sentido, pode-se e deve-se dizer que Jesus Cristo tem para o gênero humano e para a sua história um significado e um valor singulares e únicos só a Ele próprios, exclusivos, universais, absolutos. (Cf. DECLARAÇÃO DOMINUS IESUS, n. 15)

O ER deve contemplar a riqueza multiforme da trindade: “O Deus uno e trino, que é mistério de amor, não se encerra na solidão da incomunicabilidade, que exclui os outros, mas comunica o seu mistério plural ao gênero humano na história” (FAUSTINO, 2000b, p. 115).

Na escola, esse Deus plural é real quando existe a possibilidade efetiva de manifestação da variedade das crenças e concepções religiosas sem restrições impostas por preconceitos e proselitismos.

² Pelo termo “seiva”, entendemos “coluna – nutriente”, que sustenta e promove uma humanidade gregária em diversidade. É um encontro de iguais em valor, dignidade e respeito.

ENSINO RELIGIOSO: “SEIVA – ALTERIDADE”²

O contexto acima introduzido constitui um terreno fértil para o surgimento de novas dimensões a serem destacadas no que se refere à prática pedagógica do ER. Respeitar o outro que expressa uma crença diferente supõe um exercício de convivência cultural entre os que crêem e os que não crêem no céu, porque

ambos estão inseridos nos mesmos parâmetros de sociedade e de sala de aula (CNBB/Regional Sul III, 1996, p. 55-79).

No tocante ao ER, faz-se um convite para passarmos de uma certa alteridade vivenciada no cotidiano do espaço escolar a uma alteridade assumida. Isto é, “um espaço onde se manifeste o gregário – diferente conscientemente” (REYES, 2000, p. 83).

Dentro dessa realidade, relaciona-se a existência de várias culturas no contexto latino-americano, aos quais o ER não pode ignorar, no pluralismo, com destaque para (CNBB/Regional Sul III, 1996, p. 55-79):

- as culturas indígenas que, de certa forma, foram privadas de seus meios de expressão e de tal modo humilhadas pelas diversas formas de dominação, que lutam agora, com muita dificuldade, para manter a sua identidade;
- as culturas afro-americanas trazidas pelos escravos que, apesar de integradas à força na sociedade que lhe era estrangeira, numa espécie de clandestinidade, antes, e numa semi-clandestinidade nos dias de hoje, tentam reconstituir formas religiosas, ritos, crenças, estruturas sociais paralelas;
- a cultura mestiça, camponesa ou cabocla, que constitui, às vezes, a maioria da população de países latino-americanos, ameaçada de desaparecer, com a pequena propriedade rural da empresa familiar;
- a cultura suburbana das imensas periferias das cidades latino-americanas, provinda do encontro de duas correntes: de um lado, as populações que vêm do campo e trazem o que sobreviveu de suas tradições, de seu modo de vida; de outro lado, as contribuições da civilização moderna, como a televisão, com seu mundo de imagens maravilhosas – os contos de fada de hoje;
- a cultura moderna, que se apresenta de um modo característico diverso do primeiro mundo: os recursos tecnológicos acessíveis a grupos específicos da população, com seus estilos e padrões de vida, seus procedimentos autoritários e individualistas, que geram exclusão da grande maioria da população.

O reconhecimento do pluralismo e do diálogo inter-religioso, como característica positiva do mundo moderno, é particularmente difícil quando se trata de especificidade educacional e muito mais para aquela comunidade eclesial que busca sempre o proselitismo.

³ O autor afirma que, apesar do pluralismo religioso ser um direito expresso na constituição, o que se vê é “que nem todos os grupos religiosos podem expressar, da mesma forma, o que sentem e pensam” (Cf. STEIL, 1996, p. 22).

Porém, há, cada vez mais, consciência das diversidades culturais, também em nível universal, apesar de ser difícil o reconhecimento e a admissão desse pluralismo.³

Brandão (1986) afirma que o respeito ao outro exige o mesmo de mim:

é que o outro só se dá a compreender quando nós formos capazes de decifrá-lo a partir do seu próprio ponto de vista. Isto significa que eu devo ser capaz de, primeiro, pensar a cultura do outro, através dos termos com que ela se pensa a si própria para, depois, então, a partir daí, ser capaz de associar a compreensão de tal cultura, com base em seu próprio ponto de vista, a minha lógica. (p. 9-17)

O verdadeiro caminho para o ER é traduzir fidelidade ao sopro do Espírito, é ousar ir além, ampliando as fronteiras e alargando as tendas.

O ENSINO RELIGIOSO: PERSPECTIVAS DESAFIADORAS

A atual proposta de ER contida nos PCNs dessa disciplina considera como objeto de seu estudo o fenômeno religioso, o que faz com que exista um deslocamento do conceito de Deus, compreendido a partir da tradição religiosa cristã, para o conceito de transcendente, entendido como mais abrangente (JUNQUEIRA, 2000, p. 26-29). Isto é, a partir da alteridade, se quer por fim à pretensão de criar uma única noção de divindade, seja por meio de uma síntese dos diversos entendimentos existentes nas várias tradições religiosas ou pela imposição de um entendimento unilateral.

O grande desafio do ER, na ótica do diálogo inter-religioso, encontra parte de sua fundamentação no fato de que, a partir da alteridade, compreende-se o transcendente como aquela realidade que se localiza fora dos limites humanos, no ser um “outro” distante e diferente. Portanto, “nunca poderá ser abarcável por uma só experiência ou visão (tradição religiosa) humana” (REYES, 2000, p. 84).

O pensamento educacional em torno dessa problemática aparece, atualmente, como algo embrionário, embora os desafios que se colocam para professores e alunos surjam no espaço da escola em forma de conflitos e preconceitos, exigindo uma ação efetiva e urgente.

Nossa exposição levou-nos a perceber que o diálogo propicia a busca de novos horizontes e de valores comuns às religiões. É mais promissor fortalecer os elementos comuns entre as diversas tradições existentes na sala de aula que lutar em nome de absolutizações e pretensões de verdade. No diálogo, a identidade não se perde, pois, quem tem clareza de sua identidade pode transitar livremente pelas verdades contidas em outras religiões.

A busca por uma proposta dialógica, de abertura e troca de experiências, exige e leva os sujeitos a uma postura de alteridade, gerando um diálogo frutífero e salutar de respeito à diversidade. Sem alteridade não há diálogo. Onde há espírito de abertura e de valorização do diferente, ali há transcendência.

Enfim, precisamos resgatar o respeito à pluralidade cultural e religiosa – com ênfase na fenomenologia religiosa e no diálogo inter-religioso –, buscando nas perguntas existenciais dos estudantes o ponto de partida, com vistas à ressignificação e à busca do sentido da vida; voltando à metáfora, diria: tecer a vida!

ABSTRACT

Crossing boundaries is a wide human experience and does not concern religious boundaries only. Religious teaching reveals a sap of alterity capable of feeding all dimensions of human life in their very essence. Our effective contribution consists undoubtedly of the re-elaboration of formulae, opening new horizons to effectively encompass differences. Daily conviviality at school is the terrain of gregariousness, where one may contemplate the multi-form richness of the trinity.

Key words: Religious teaching; Inter-religions dialogue; Alterity; Welcome; Respect; Difference.

Referências

BARROS, João. O ensino religioso na escola deve ser: confessional? interconfessional? inter-religioso? In: **Revista de Educação**. Brasília: AEC do Brasil, 1993. p. 77-79.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Impor, persuadir, convidar, dialogar: a cultura do outro. In: W.A.A. **Inculturação e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 9-17.

CNBB/Regional Sul III. **Texto referencial para o ensino religioso escolar**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 55-79.

CNBB. **Guia para o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. (Estudos da CNBB, 52).

CNBB. **O ensino religioso**. São Paulo: Edições Paulinas. (Estudos da CNBB, 49).

DECLARAÇÃO DOMINUS IESUS – sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. São Paulo: Paulus e Ed. Loyola, 2000.

DUPUIS, Jacques. O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista: In: **XXIII Semana de Estudos Teológicos**: Internet: < www.agencia-ecclesia.org/ecclesia/artigo.asp?cod-artigo= 127054 > .

FAUSTINO, Luiz C. Teixeira. A teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré. In: **Numen**, v. 1, ano 1, jul./dez., 1998.

FAUSTINO, Luiz C. Teixeira. A teologia do pluralismo religioso em questão. In: **REB**, v. 59, n. 235, p. 591-617, 1999.

FAUSTINO, Luiz C. Teixeira. Do diálogo ao anúncio: reflexões sobre a declaração Dominus Jesus. In: **REB**, v. 60, f. 240. Petrópolis, dez. 2000a.

FAUSTINO, Teixeira. A experiência de Deus nas religiões. In: **Numen**, v. 3, n. 1. Juiz de Fora, jan./jun. 2000b.

FAUSTINO, Luiz C. Teixeira. O diálogo inter-religioso. In: **Jornal Mundo Jovem**, n. 87, maio, 2002a.

FAUSTINO, Luiz C. Teixeira. Catequese com adultos num mundo pluralista. In: **Segunda Semana Brasileira de Catequese**. São Paulo: Paulus, 2002b. (Estudos da CNBB n. 84).

FAUSTINO, Luiz C. Teixeira. **O cristianismo entre a identidade singular e o desejo plural**. [s.l.d]. (Mimeografado, p. 1).

FIGUEIREDO, Anísia de Paula. **Ensino religioso**: perspectivas pedagógicas. Petrópolis: vozes, 1995.

FIGUEIREDO, Anísia de Paula. Educação integral e desenvolvimento da religiosidade. In: **Revista Presença Marista**. n. 65, suplemento. 1998a.

FIGUEIREDO, Anísia de Paula. **Realidade, poder, ilusão**: um estudo sobre a legislação do ER nas escolas e suas relações conflitivas como disciplina sui generis no interior do sistema público de ensino. jan. 2000b. (Mimeografado).

GEFFRÉ, Claude. La verdad del cristianismo em la era del pluralismo religioso. In: **Selecciones de Teologia**, 146, 1998.

GEFFRÉ, Claude. Pluralismo religioso e indiferentismo. El autentico desafio de la teología cristiana. In: **Sal Térrea**, 158 (abril/junio) 2001. p. 83-98.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **O ensino religioso no Brasil**: estudo do seu processo de escolarização. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Pontificia Salesiana, Roma.

KNITTER, Paul. **Nessum altro nome?** Um esame critico degli atteggiamenti cristiani verso le religioni mondiali. Brescia: Queriniana, 1991.

L'OSSERVATORE ROMANO. Semanal em português, 16 fev. 1966. (Cd).

MONICH, Alexandre. Costurando uma pastoral escolar com a ética da diferença. In: **Ensino Religioso e o pastorado escolar**: novas perspectivas, princípios includentes. São Leopoldo, 2001. p. 104-109.

MOURA, Odilão. **Ecumenismo e Ensino Religioso na escola pública**. Rio de Janeiro: Presença, 1988. p. 24-26.

PANASIEWICK, Roberlei. **Diálogo e revelação rumo ao encontro inter-religioso**. Belo Horizonte: Arte, 1999.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **O diálogo das religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.

REYES, Pedro Puentes. O novo ensino religioso: tropeço ou oportunidade? In: **Revista de Estudos Teológicos**, n. 1, 2000.

SANDRINI, Marcos. Do mesmo ao diferente, libertação do mesmo para o diferente. In: **Revista A.E.C. do Brasil**, v. 22, n. 87, p. 77-81, 1993.

SANDRINI, Marcos. Ensino religioso escolar: um desafio sempre presente. In: **Revista de Catequese**, n. 44, 1988.

SANTANA, Julio de. **Ecumenismo e libertação**: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1987.

STEIL, Carlos Alberto. O ensino religioso na sociedade plural. In: **Revista Diálogo**, n. 1, 1996.

WILFRED, Felix. A arte de transpor fronteiras. In: **Concilium**, v. 280, n. 2, Introdução, p. 10-11, 1999.

ZANETTE, Marcos Suel. **Ensino religioso**: sim ou não? Uma abordagem hermenêutica no contexto da prática pedagógica. 1997. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.